

## **Perceval e o eremita: culpa, confissão e interiorização no *Conto do Graal de Chrétien de Troyes***

Prof. Dr. Sinval Carlos Mello Gonçalves (UFAM/*Scriptorium*)  
Doutor em História Medieval pela Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Pós-Doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)  
Pós-Doutor pela Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Professor Associado da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)  
[sinvalcmg@gmail.com](mailto:sinvalcmg@gmail.com)

Recebido em: 23/04/2018  
Aprovado em: 08/08/2018

### **Resumo :**

No *Conto do Graal*, de Chrétien de Troyes, o derradeiro episódio protagonizado por Perceval narra um processo em que se conjugam, de maneira complementar, o sentimento de culpa, a confissão e a comunhão, elementos essenciais de um novo sistema de práticas e crenças, então em vias de adoção e difusão pelo clero cristão ocidental. Neste modelo, a relação do cristão consigo mesmo, com sua interioridade, assumiria um lugar fundamental em sua constituição. Partindo do pressuposto de que esta narrativa constituiu-se num dos muitos vetores através dos quais este modelo difundiu-se através do Ocidente medieval, o objetivo deste texto é apresentar e analisar o episódio da confissão de Perceval ao eremita, enfatizando os elementos que nos permitam apreender os mecanismos do processo de interiorização do seu protagonista, além de situar suas possíveis leituras no interior do contexto doutrinário relativo ao pecado no século XII.

**Palavras-chave: Perceval, penitência, interiorização.**

### **Abstract :**

The last tale about Perceval in *Perceval; or, The Story of the Grail*, by Chrétien de Troyes, narrates a process in which guilt, confession and communion – the essential elements of a new system of practices and beliefs that were at the time in the process of adoption and diffusion by Western Christian clergy – combine in a complementary way. In this model, the relationship of the Christian with himself, with his inner self, would assume a fundamental place in his constitution. The purpose of this paper is to present and analyze the episode regarding the confession of Perceval to the hermit, based on the assumption that this narrative was one of the many vectors through which this model spread through the medieval West. The emphasis being on the elements that allow us to apprehend the mechanisms of the internalization process of its protagonist, besides placing its possible readings within the doctrinal context related to sin in the twelfth century.

**Keywords : Perceval, penitence, internalization.**

No *Conto do Graal*, de Chrétien de Troyes, há uma extensa passagem em que seu primeiro protagonista, Perceval, encontra um grupo de penitentes na Sexta-feira da Paixão e experimenta, motivado pelo testemunho oferecido por eles, um processo de interiorização marcado pelo sentimento de culpa, pela confissão e consumado pela comunhão e posterior penitência junto a um eremita em meio à floresta (vv. 6217-6518)<sup>1</sup>. Esta passagem pode ser lida, portanto, como um testemunho cristalino de importantes inovações, ocorridas ao longo do século XII, nas práticas e concepções das sociedades da Europa ocidental.

Estas práticas e estas concepções foram sintetizadas por Jérôme Baschet através da imagem de um “tríptico” composto pelas práticas conjugadas e articuladas da pregação, da confissão e da comunhão. Façamos um breve resumo do dispositivo e de seu funcionamento, ainda que, a estas alturas, ele já seja familiar aos estudiosos do ocidente medieval, não apenas pela circulação do livro de Baschet, como também pelos estudos que o antecederam e o alimentaram.<sup>2</sup>

O ano de 1215, quando se realizou o Concílio de Latrão IV, é tomado por ele como uma baliza cronológica fundamental, pois foi neste concílio que se decidiu tornar obrigatória, para todos os cristãos, a comunhão anual. Para comungar, no entanto, o fiel deveria estar purificado de seus pecados, daí poder-se dizer que a comunhão obrigatória trouxe consigo a prática da confissão, que se tornou necessária e prévia para o ato eucarístico.<sup>3</sup>

Mais do que a comunhão, a inovação de maior alcance e profundidade deste novo sistema talvez tenha sido justamente a popularização da prática da confissão auricular, pelas transformações que ela impunha à consciência dos cristãos em sua relação com o pecado e, sobretudo, consigo mesmos. Para que isso possa ser adequadamente compreendido, Baschet recorda que os sistemas de penitência anteriormente dominantes eram fundados em atos e práticas exteriores que não exigiam, para sua eficácia, a demonstração de uma conversão interior prévia, marcada pelo arrependimento com relação à falta cometida. A confissão, ao contrário, tinha sua eficácia dependente de um arrependimento sincero do pecador, exigência consonante com uma noção de pecado centrada mais na intenção do que no gesto, o que teria aberto uma imensa via para a exploração dos meandros e das nuances da consciência, atitude que também marcaria por muitos séculos a consciência ocidental.<sup>4</sup>

Esta inovação transferiu, assim, para a consciência e a vontade pessoais o peso e a responsabilidade do pecado, trazendo com isso o sentimento de culpabilidade e o conseqüente arrependimento para o primeiro plano e, com eles, a necessidade do perdão daquele que se julga, com razão ou não, culpado. Tormento certamente acentuado numa sociedade em que já se tornara uma crença compartilhada a concepção de que o corpo e a alma pecadoras estavam destinados, após a morte, aos mais terríveis sofrimentos.<sup>5</sup>

Essa necessidade de interiorização tornou, mais do que nunca, a capacidade clerical de mobilizar a consciência dos fieis um elemento chave para a aceitação e a naturalização dessas novas práticas e concepções, daí a razão da existência de seu terceiro elemento, a pregação. Durante o século XII, e mais ainda no seguinte, com o advento dos franciscanos e dos dominicanos, os discursos orais dos clérigos deixaram de limitar-se ao momento da missa e de serem destinados prioritariamente a eles próprios, tornando-se cada vez mais populares e presentes na experiência cotidiana dos laicos. Eles foram, desse modo, um instrumento essencial e altamente eficaz para transmitir os valores morais cristãos, criar o sentimento de temor e mal-estar decorrente de sua infração e, finalmente, conduzir os fieis à penitência doravante considerada prioritária: a confissão.

É neste contexto mais amplo, portanto, que se deveria inserir a passagem de Perceval junto ao eremita no *Livro do Graal*, de Chrétien de Troyes. Contudo, se ela, como dissemos acima, pode certamente ser lida por nós, historiadores, como um testemunho deste processo, deve-se frisar sua condição não apenas de tributária mas, ao contrário, de propulsora, ao fazer circular e, até mesmo, a antecipar-se ao processo de institucionalização de suas noções e práticas fundamentais.

Neste sentido, este trecho, e a própria narrativa em sua totalidade, poderiam ser vistos como uma forma particular de pregação, intenção expressa pelo próprio Chrétien de Troyes em seu prólogo, ao evocar a parábola bíblica do semeador para descrever a ação da história que ele irá contar sobre seu destinatário imediato, o conde Felipe de Flandres:<sup>6</sup>

Acompanhar de perto a narrativa, seguir suas vias singulares e examinar com atenção seus detalhes e sua construção permitirá, enfim, que possamos imprimir a dinâmica da vida ao modelo necessariamente generalizador e abstrato das sínteses historiográficas.

\*\*\*

O episódio inicia-se por uma enunciação do narrador acerca da total negligência de Perceval com relação aos seus deveres de cristão - realizar ou assistir em lugar consagrado pelo clero o culto de Deus e de seus santos – juntamente com uma alusão temporal precisa aos cinco anos passados por ele neste estado. Desde já, é interessante observar a associação estrita entre o culto ou a oração individual e os lugares consagrados pelo clero (*eglise e mostier*), assim como sua omissão a uma perda geral da memória, ambas apontando para o campo em que a narrativa parece estar situada: o do aprofundamento do controle clerical sobre a experiência pessoal das práticas ligadas ao cristianismo.<sup>7</sup>

<i>Percevax, ce conte l'estoire,</i>	<i>Perceval, assim conta a história,</i>	6216
<i>A si perdue la memoire</i>	<i>Perdeu de tal forma a memória</i>	
<i>Que de Deu ne li sovient mais.</i>	<i>Que de Deus não se lembra mais.</i>	
<i>Cinc fois passa avrix et mais,</i>	<i>Cinco vezes abril e maio deixaram seu cais,</i>	
<i>Ce sont cinc anz trestuit antier,</i>	<i>Foram cinco anos inteiros</i>	
<i>Qu'an eglise ne an mostier</i>	<i>Que na igreja ou no mosteiro</i>	
<i>Ne Deu ne ses sainz n'aora.</i>	<i>Nem a Deus nem ao santos rezou.</i>	

Em contrapartida a esta omissão, o narrador enfatiza o que ele não deixou de fazer ao longo deste tempo: (...) *requerre chevalerie* (v. 6226), ou seja procurar e realizar proezas guerreiras. O lugar negativo da cavalaria nesta oposição, esboçada por este confronto entre a omissão de atos piedosos e a multiplicação das proezas de cavalaria, é acentuado pelo fato de que, ao longo destes anos, Perceval tinha sido um cavaleiro exemplar em todos os sentidos, pois, além de derrotar os mais valorosos oponentes, ainda os mandou como prisioneiros para a corte do rei Artur.

No entanto, este comportamento impecável no plano da cavalaria não o livrou, muito pelo contrário, de uma dor e de uma angústia tão intensas que o fizeram perder completamente a noção de tempo. É neste estado de desorientação e dor que Perceval encontra um grupo de cavaleiros e damas penitentes, todos trajando túnicas simples e

andando descalços por um caminho deserto na orla de um bosque. Em consonância com os já centenários preceitos dos movimentos conhecidos como a “Paz de Deus”, os penitentes surpreendem-se e reprovam duramente Perceval por ele estar armado na sexta-feira santa, o dia da crucificação de Cristo:

<i>Certes, il n'est reisons ne biens</i>	<i>Por certo, não é correto e não é bom, 6258</i>
<i>D'armes porter, einz est granz torz,</i>	<i>Ao contrário, é grande erro armar o corpo,</i>
<i>Au jor que Jhesu Criz fu morz.”</i>	<i>No dia em que Jesus Cristo foi morto.”</i>
<i>Et cil qui n'avoit nul porpans</i>	<i>E aquele que não tinha mais noção</i>
<i>De jor ne d'ore ne de tans,</i>	<i>Do dia, da hora e da estação,</i>
<i>Tant avoir a son cuer enui,</i>	<i>De tanta dor em seu coração,</i>
<i>A dit: “Quex jorz est il donc hui?</i>	<i>Perguntou: “Que dia é hoje, então?</i>

Aqui, a reprovação e a surpresa diante da conduta de Perceval são manifestas por cavaleiros e por mulheres pertencentes ao seu próprio grupo social e não por algum membro do clero, alterando dessa forma um dos polos da oposição inicial e colocando seus contrários no interior mesmo da cavalaria. Tal deslocamento nos induz a crer como já naturalizados aqueles preceitos originários das assembleias de paz iniciadas na segunda metade do século X e, ao mesmo tempo, atenua a impressão de uma condenação geral da atividade dos guerreiros, ao restringir a censura ao desrespeito da trégua naqueles dias santificados pelo clero.<sup>8</sup>

Essa naturalização dos preceitos clericais será amplificada pelo verdadeiro sermão proferido por um dos penitentes, em resposta ao desconhecimento manifesto por Perceval acerca da excepcionalidade daquele dia. O “sermão” é didático e sintetiza, em seu enunciado assertivo e completamente infenso a quaisquer interrogações ou dúvidas, as razões para que se guarde a chamada sexta-feira sagrada: assim, segue-se a menção à traição de Judas e à crucificação de Cristo, a descrição de sua natureza híbrida – a alma divina e o corpo humano – e um breve relato de sua descida para a esfera dos humanos, a fim de salvá-los do pecado; o discurso ainda apresenta os judeus como responsáveis coletivos pela morte sacrificial de Cristo: *Aus perdirent et nos salverent* (Salvaram a nós mas a si perderam – v. 6296).<sup>9</sup>

Após ouvir as explicações do cavaleiro penitente, dispostas ao longo de trinta e cinco versos (vv. 6265-6300), Perceval pergunta de onde eles vinham e o que haviam feito. Uma das mulheres responde, com o mesmo didatismo do cavaleiro, que eles estavam vindo da ermida de um eremita, onde haviam confessado seus pecados e pedido perdão por eles, palavras que o levarão ao ponto culminante de sua transformação interior, o arrependimento:

<i>De nos pechiez i demandames</i>	<i>Por nossos pecados pedimos</i> 6310
<i>Consoil, et confesse i preïsmes.</i>	<i>Ajuda, e os confessamos, como deve ser.</i>
<i>La greignor besoigne i feïsmes</i>	<i>Cumprimos com o maior dever</i>
<i>Que nus crestïens puisse feire,</i>	<i>De todo cristão que deseja</i>
<i>Qui bien voelle a Damedeu pleire.”</i>	<i>Que Nosso Senhor bem o veja.”</i>
<i>Ce que Percevox oi ot</i>	<i>Tudo que Perceval ouviu</i>
<i>Le fist plorer, et si li plot</i>	<i>O fez chorar, e assim decidiu</i>
<i>Que au bon home alast parler.</i>	<i>Ir com o bom homem falar.</i>

Os três últimos versos da passagem anterior conduzem-nos, portanto, ao que já vimos ser a consequência mais importante e duradoura das novas práticas e concepções clericais, a de suas consequências para as relações estabelecidas entre o sujeito, sua consciência e os seus atos, na medida em que o ato de arrepender-se implica num juízo consciente baseado no exame interior de determinada ação. Assim, ao descreverem justamente o momento em que alguma coisa acontece na consciência do personagem que o faz chorar, tomar a decisão de ir ao eremita e pedir ajuda para o que considera serem seus erros, elas trazem para a superfície da narrativa todos os elementos envolvidos no ato de arrepender-se. Por esta razão, elas podem ser tomadas como o ponto de partida elementar para que indaguemos e analisemos a maneira como ela representa este ato de interiorização de seu protagonista.

Estas investigações devem iniciar, naturalmente, pela constatação de que o movimento interior essencial foi o despertar de um determinado senso de culpa em Perceval, desencadeado pelo discurso dos penitentes e responsável por sua súbita

tomada de consciência. E é preciso sublinhar, para que se compreenda o alcance da “pregação” de nosso texto, que o sofrimento de Perceval é anterior ao encontro com os penitentes, tendo este apenas conferido um sentido e uma causa para sua dor, além de abrir-lhe uma possibilidade de dissipá-la através da confissão. Deste modo, o juízo exterior do narrador, expresso no início do episódio, é agora interiorizado pelo próprio personagem, sendo ele a causa determinante do arrependimento, como se pode observar através dos versos que descrevem seu estado no caminho do eremitério:

<i>Et Percevox el santier antre,</i>	<i>Perceval na vereda entrou</i>	6333
<i>Qui sopire del cuer del vantro</i>	<i>E profundamente suspirou:</i>	
<i>Por ce que mesfez se savoit</i>	<i>Era de culpa o seu sentimento</i>	
<i>Vers Deu et si s’an repantoit.</i>	<i>Com Deus. Daí, seu arrependimento.</i>	

O fator fundamental aqui, além da interiorização da culpa é, evidentemente, a admissão de que o sofrimento decorre de uma ação específica ou, para ser mais preciso, da ausência de uma determinada ação e o caráter de convencimento contido neste movimento da narrativa será realçado pelos versos seguintes, que sugerem ao leitor/ouvinte a existência de um jogo metafórico entre o caminho exterior e o caminho interior a ser percorrido por Perceval, reiterado pelo artifício criado pelos penitentes para orientar todos que quisessem encontrar a morada do eremita:

<i>“La voldroie, fet il, aler,</i>	<i>“Eu gostaria, ele disse, de alcançar</i>	6318
<i>A l’ermite, se ge savoie</i>	<i>A ermida, se eu tivesse notícia</i>	
<i>Tenir le santier et la voie.”</i>	<i>Do correto caminho e de sua via.”</i>	
<i>- Sire, qui aler i voldroit,</i>	<i>- Senhor, quem quiser ir bem certo,</i>	
<i>Si tenist le santier tot droit</i>	<i>Deve tomar o caminho reto,</i>	
<i>Ensi con nos somes venu</i>	<i>Seguir a nossa passada</i>	
<i>Parmi cest bois espés, menu</i>	<i>Através da mata cerrada e fechada,</i>	
<i>Et se preist garde des rains</i>	<i>E os ramos observar</i>	
<i>Que nos noames a noz mains</i>	<i>Pois que os deixamos ao caminhar</i>	

*Qant nos par ilueques venismes.*

*Quando viemos do lugar.*

*Tex antresaignes i feïsmes*

*Deixamos estes sinais para marcar*

*Por ce que nus n'í esgarast,*

*A via e ninguém se extraviar*

*Qui a ce saint hermite alast.”*

*Quando for o santo eremita visitar.”*

Esta ênfase na orientação e na correção do caminho a seguir poderia ainda ser contrastada, para que se perceba com mais clareza sua importância na economia da narrativa, com a onipresença do acaso nos encontros decisivos de Perceval ao longo de sua progressão no interior da narrativa. Excepcional, esse tipo de orientação precisa do caminho a seguir somente apareceu em outra ocasião, quando o protagonista, muitos anos antes, ainda no princípio de seu percurso, buscava o castelo de Carduel, onde a corte de Artur estava reunida.<sup>10</sup> Este contraste adquire ainda maior significado, quando colocado em confronto com a errância infrutífera de Perceval nos últimos cinco anos, incapaz de fazê-lo reencontrar o castelo do rei Pescador.

Mas será na confissão de Perceval que poderemos, naturalmente, examinar com maior acuidade e com mais elementos as relações entre o sujeito, sua consciência e seus atos. Antes de acompanhá-la, no entanto, sigamos a descrição desse primeiro momento do encontro entre Perceval e o eremita, para que possamos observar a presença coordenada do pecado, do arrependimento, da culpa e do perdão – elementos centrais do novo modelo de penitência:

*A l'ermite par le pié pris,*

*Lança-se aos pés do eremita. 6356*

*Si l'anclina et les mains joint*

*Assim curvado e com as mãos unidas*

*Et li prie que il li doint*

*Pede a ele que lhe diga*

*Consoil, que grant mestier en a.*

*Seu juízo, pois é grande sua pena.*

*Et li boens hom li comanda*

*O bom homem então ordena*

*A dire sa confession,*

*Que ele faça a confissão,*

*Que nus n'avra ja remission*

*Pois jamais terá perdão*

*Se n'est confés et repantanz.*

*Sem confissão e sem arrependimento.*

Após esta incitação do eremita, Perceval iniciará sua confissão, que será conduzida através de um encadeamento de ações em que seu pecado mais recente e visível, o de ter esquecido de Deus, irá conectar-se de forma causal com duas ações anteriores, uma delas designada expressamente como pecado, e a outra tratada, se não designada, como uma ação culpável. Nas três situações, veremos agora, o grau de intencionalidade envolvido nelas foi bastante desigual, e será este o elemento essencial da análise que faremos a seguir.

A primeira delas, então, é o já mencionado “esquecimento de Deus”: *Ne Deu n’amai ne ne le crui* (Em Deus não cria e nem o amava. - v. 6366 ). Numa primeira avaliação poder-se-ia afirmar que, neste caso, sua intenção esteve plenamente comprometida com seus atos, ou com a falta deles, o que parece ser mais exato, pois, tanto sua mãe – quando esta se convenceu de que sua partida seria inevitável –, como Gornemont de Goort – o cavaleiro que fez sua iniciação na cavalaria -, já lhe haviam advertido sobre a necessidade da lembrança constante de Deus através da frequência de seus locais de culto e adoração, as igrejas e os mosteiros (vv. 567-594; vv. 1665-1670).

Porém, ao ser interrogado pelo eremita a respeito da razão dessa negligência, Perceval diz-lhe que esta foi provocada pela dor decorrente de seu silêncio diante dos mistérios do Graal. Essa dor, advinda da tomada de consciência a respeito das terríveis consequências de sua omissão, teria sido a principal responsável por seu comportamento, fato que não deixa de ser um atenuante na sua culpa, ao diminuir ou mesmo desarmar o controle que ele poderia ter sobre seus atos:<sup>11</sup>

- *Sire, chiés le Roi Pescheor*

*Fui un foiz, et vi la Lance*

*Don li fers sainne sanz dotance,*

*Et de cele gote de sanc*

*Que a la pointe de fer blanc*

*Vi pandre, rien n’an demandai;*

*Onques puis, certes, n’amandai.*

*Et del Graal que ge i vi*

- *Senhor, estive com o Rei Pescador* 6372

*Uma vez e pude ver bem claro*

*A lança cujo ferro sangra sem preparo.*

*E sobre aquela gota de sangue*

*Que da ponta da lança jamais exangue*

*Eu vi cair, nada perguntei*

*E nenhuma outra vez esta falta reparei.*

*Do Graal que lá eu vi,*

<i>Ge ne sai cui l'an an servi,</i>	<i>Não sei a quem ele ia servir.</i>
<i>S'an ai puis eü si grant duel</i>	<i>Desde então senti tanta aflição</i>
<i>Que morz eüsse esté mon vuel</i>	<i>Que estar morto seria uma benção.</i>
<i>Et Damedeu an obliai,</i>	<i>E de Deus me esqueci,</i>
<i>Qu'ainz puis merci ne li criai</i>	<i>Pois suas graças não mais pedi</i> 6384
<i>Ne ne fis rien que ge seüsse</i>	<i>E sei que de sua merçê</i>
<i>Par coi merci avoir deüsse.</i>	<i>Nada fiz para ele a conceder.</i>

Contudo, além de ser um atenuante, o fato mencionado em sua explicação possui uma série de nuances que exigem um maior desenvolvimento em sua análise. Observe-se, de início que embora sua omissão seja tratada como uma falta grave e indutora de culpa, a palavra pecado não é mencionada a respeito dela em nenhum momento, afinal, ele não transgredira nenhum tipo de interdito clerical. Além disso, ainda que este fosse o caso, se considerássemos a intenção como elemento determinante da culpa, não se poderia afirmar que ele cometera um pecado, pois, na noite em que estava no castelo do rei Pescador, Perceval ainda não sabia nada a respeito das consequências devastadoras de seu silêncio. E, sobretudo, além de não ter sido uma transgressão intencional, a motivação de calar-se diante do Graal deveu-se apenas a uma interpretação exageradamente literal do conselho, dado a ele por Gornemant, de não falar em demasia (vv. 1648-1656)<sup>12</sup>. No entanto, embora Deus possa eliminar as culpas de Perceval, como o eremita já observara no início da confissão, em nenhum momento diz-se que as consequências de seu silêncio, que ultrapassam em muito o âmbito pessoal, serão anuladas.

Esta falta de conexão entre intencionalidade e consequência parece desafiar o novo modelo de penitência exposto acima, pois, ainda que não ocorra num contexto estritamente clerical, nem por isso deixa de desestabilizar um sistema fundado sobre o controle que se poderia ter de si mesmo e de seus atos. Afinal, como arrepender-se daquilo que se fez de maneira involuntária?

A desconexão entre estes dois elementos, assim como o desconcerto trazido por ela, parecerá diluir-se quando o eremita, que ainda não perguntara o nome de seu confidente, descobre que se tratava de Perceval e diz-lhe que o seu sofrimento vinha de

um pecado que ele próprio ignorava: a morte de sua mãe, causada pela dor de sua partida quando decidira procurar a corte de Artur para tornar-se um cavaleiro:

<i>Et dit: "Frere, mout t'a neü</i>	<i>E diz: "Irmão, o que te consome 6392</i>
<i>Uns pechiez don tu ne sez mot:</i>	<i>É uma falta por ti ignorada:</i>
<i>Ce est li diax que ta mere ot</i>	<i>A dor de que tua mãe foi vitimada</i>
<i>De toi quant tu partis de li,</i>	<i>Por causa de tua partida.</i>
<i>Que pasmee a terre cheï</i>	<i>Ela caiu e ficou desfalecida</i>
<i>Au chief del pont, delez la porte,</i>	<i>Na ponta da ponte, diante da porta,</i>
<i>Et de ce duel fu ele morte.</i>	<i>E por causa dessa dor ela foi morta.</i>
<i>Por le pechié que tu en as</i>	<i>Foi pelo pecado que aí praticaste</i>
<i>Avint que tu ne demandas</i>	<i>Que então não interrogaste</i>
<i>De la Lance ne del Graal,</i>	<i>Sobre a Lança e o Graal:</i>
<i>Si t'an sont avenu li mal.</i>	<i>Foi daí que veio teu mal.</i>

A revelação feita pelo eremita conduzirá a confissão de Perceval ao seu desfecho. Na sequência do discurso iniciado depois de Perceval ter dito o seu nome, ele ainda esclarecerá o significado de uma série de elementos presentes na noite em que os mistérios do castelo do rei Pescador haviam sido exibidos diante do jovem cavaleiro: a identidade dos personagens envolvidos na cena, seu grau de parentesco com Perceval e – fundamental para a compreensão global da narrativa -, a informação de que o Graal levava uma hóstia, substância de tal modo extraordinária que mantinha já há quinze anos vivo o pai do rei Pescador.<sup>13</sup> Depois disso, o eremita incitará Perceval a arrepender-se e a iniciar sua penitência, que será dividida em duas partes: as ações que deverá realizar pelo resto de sua vida e os dois dias em que deverá viver e comer como ele próprio. Após a enunciação das penitências a serem cumpridas, o eremita rezará uma missa, após a qual Perceval irá “adorar a cruz e chorar, arrependido, por seus pecados”.<sup>14</sup>

A conclusão do episódio, além de reiterar o lugar central da comunhão, não poderia ser mais reveladora acerca do sentido sugerido pela narrativa para a

interpretação da experiência de transformação interior vivenciada por Perceval em seus dias no eremitério.<sup>15</sup>

<i>Ensi Percevox reconut</i>	<i>E assim Perceval aprendeu</i>	6509
<i>Que Dex au vanredi reçut</i>	<i>Que na sexta-feira santa Deus</i>	
<i>Mort et si fu crocefiez.</i>	<i>Foi crucificado e deixou seu corpo mortal .</i>	
<i>A la Pasque comeniez</i>	<i>No domingo de Páscoa Perceval</i>	
<i>Fu Percevox mout simplement</i>	<i>Comungou muito humildemente.</i>	

\*\*\*

Ainda que pretendam ser conclusivos e levem o episódio da conversão de Perceval a um termo lógico, tanto as revelações do eremita, quanto as penitências presentes e futuras impostas a ele, não parecem diluir aquele desconcerto causado pela conexão entre o caráter involuntário da falta de Perceval, as suas terríveis consequências e sentimento de culpa que o afligia ao extremo. Além disso, eles não eliminam o desconcerto causado pela imputação de erro a uma ação sem a qual ele jamais teria tido oportunidade de fazer-se cavaleiro e, assim, chegar ao castelo do Graal. Como interpretar, então, a sucessão de atos que parecem eximir Perceval de qualquer culpabilidade e que, além disso, parecem dispostos numa circularidade que lhe tiraria, desde o princípio, a possibilidade de não agir como agiu e, conseqüentemente, de não se tornar uma consciência culpada? Como interpretar, em suma, estes dilemas surgidos pela confissão de Perceval no contexto de um sistema penitencial, que trouxe a intenção e a motivação para o centro de suas concepções e de suas práticas?

A interpretação numa chave não “intencionalista” apresenta-se como uma possibilidade lógica e razoável de resolver estes dilemas. Nesta chave de leitura – fundada na defesa de uma inspiração cisterciense para a teologia de Chrétien de Troyes -, apesar de não ter a intenção de causar o mal a sua mãe, Perceval deveria sim ser responsabilizado por sua morte, pois as causas deste pecado, cujas consequências iriam manifestar-se em seu fracasso no castelo do Graal, teriam sido um conjunto de atitudes marcadas pelo egoísmo e pelo orgulho. Não haveria, neste caso, nenhum impasse narrativo, a confissão constituindo-se como uma oportunidade de redenção e de

autoconhecimento, que permitiriam a Perceval dar um sentido ao seu percurso e às suas aventuras, além de cumprir a missão salvacionista que lhe estava destinada.<sup>16</sup>

Esta chave de leitura, que insiste na existência de uma espécie de pecado original responsável pelo fracasso de Perceval no castelo do Graal não resolve, no entanto, o paradoxo essencial da construção narrativa: se não fosse por sua partida, ele sequer teria tido a oportunidade de tornar-se cavaleiro e de encontrar o castelo do Graal. Considerando-se o caráter inconclusivo da narrativa de Chrétien de Troyes, a afirmação de que o protagonista cumpriria sua missão salvacionista não passará jamais de uma hipótese, mesmo que ela não esteja destituída de fundamento lógico. Visto sob esta perspectiva, este paradoxo talvez possa ser visto, se não como uma condenação em bloco da cavalaria, ao sugerir que o fracasso já estava inscrito na origem mesma das aventuras de um cavaleiro destinado a restaurar a ordem perdida do mundo, pelo menos como uma afirmação de seus limites diante da dimensão espiritual e superior representada pelo clero. Recordemos, com o eremita, que Perceval jamais terá o perdão se não se confessar e não se arrepender,<sup>17</sup> remissão que dependerá, porém, de sua incontornável mediação.<sup>18</sup>

\*\*\*

A comunhão de Perceval será o último ato protagonizado por ele no *Livro do Graal* de Chrétien de Troyes, que a partir de então passa a focalizar sua narrativa sobre o personagem Galvão. Ainda que ele pareça induzir seu intérprete a uma conclusão fechada, em que a comunhão aparece forçosamente como o ato final de um percurso iniciado por um pecado primordial e concluído por sua remissão, os impasses decorrentes da sujeição do protagonista a uma força imperiosa e superior, assim como o caráter inconclusivo da narrativa, fazem com que o alcance dessa transformação jamais possa ser avaliado de forma precisa.<sup>19</sup>

Ao historiador e leitor contemporâneo, surpreso diante da resistência de um texto que parece escapar às suas tentativas de apreensão distanciada e metódica, só resta o prazer e a aceitação tranquila da constatação de ver seu objeto tornar-se também sujeito, e projetar sobre ele suas luzes difusas e ainda bem vivas. E o que pode mais desejar, aquele que vive da busca de seres e de objetos que se supunham perdidos ou inertes para sempre?

## Bibliografia

- BARBER, Richard. "The Search for Sources: The Case of the Grail". IN LACY, Norris J. A History of Arthurian Scholarship. Cambridge: D.S. Brewer, 2006, pp. 19-36.
- BASCHET, Jérôme. A Civilização Feudal: do ano mil à conquista da América. Tradução de Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.
- BUSBY, Keith. NIXON, Terry. STONES, Alison [et al.] (1993). Les manuscrits de Chrétien de Troyes. Amsterdam: Rodopi, 1993.
- DELUMEAU, Jean. A confissão e o pecado. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HALL McCASH, June. "Chrétien Patrons" IN LACY J., Norris e TASKER GRIMBERT, Joan. A Companion to Chrétien de Troyes. Cambridge: D. S. Brewer, 2008, p. 15-25.
- LE GOFF, Jacques. Em busca da Idade Média. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MICHA (1966), Alexandre. La tradition manuscrite des romans de Chrétien de Troyes. Genève: Librairie Droz S.A, 1966.
- MURRAY, Alexander. Confession before 1215, Transactions of the Royal Historical Society 3, 1993, pp. 51-81.
- POIRION, el (Org.). Chrétien de Troyes. Œuvres Complètes. Paris: Gallimard, 1994.
- TAN, Sylvester George. Perceval's Unknown Sin: Narrative Theology in Chrétien's Story of the Grail. Arthuriana, Vol. 24, N. 3, 2014, p. 129-157.
- VAUCHEZ, André. A Espiritualidade na Idade Média ocidental (séculos VIII a XIII). Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

---

<sup>1</sup> Para as citações da narrativa de Chrétien de Troyes, assim como para a numerações dos seus versos, utilizei a edição de Daniel Poirion para a *Bibliothèque de la Pléiade*. As traduções foram feitas por mim.

<sup>2</sup> Observe-se que o esquema geral das transformações seguido por Baschet não é substancialmente distinto daquele encontrado na síntese de Andre Vauchez sobre a "espiritualidade medieval". No entanto, é importante frisar uma importante diferença de interpretação entre estes dois historiadores: enquanto para Vauchez as transformações do cristianismo apontam na direção de um progresso espiritual, iniciado pela "domesticação" das populações rudes e bárbaras da Alta Idade Média e consumado pela emergência de um cristianismo mais interiorizado e mais inclusivo com relação aos laicos, para Baschet estes dois processos, o de interiorização e o de inclusão, devem ser vistos como sinais do aprofundamento do controle clerical sobre as populações das sociedades ocidentais. BASCHET (2006) e VAUCHEZ (1995).

<sup>3</sup> Ainda há necessidade de estudos sobre as práticas de confissão antes de 1215 a fim de que possamos compreender melhor as alterações ocorridas após o Concílio de Latrão IV. Alexander Murray publicou um importante artigo sobre o assunto no qual ele analisa a dicotomia entre práticas internas e externas e olhar do historiador sobre estas, MURRAY (1993).

<sup>4</sup> Jacques Le Goff, por exemplo, irá tomar a obrigatoriedade da confissão auricular como uma "revolução", responsável pelas primícias de um movimento que conduziria a consciência ocidental, séculos mais tarde, para os desenvolvimentos da psicologia e da psicanálise. LE GOFF (2008), p. 76. Estendendo ainda mais este arco temporal, Jean Delumeau situou os desenvolvimentos da consciência de si estimulados pela confissão, "(...) entre o 'conhece-te a ti mesmo' de Sócrates e Freud.". DELUMEAU (1991), p. 8. Jean.

<sup>5</sup> No livro de Baschet, o capítulo “A Lógica da Salvação” descreve de forma sintética as articulações entre as expectativas medievais relativas ao destino das almas e dos corpos após a morte, a noção de pecado e o lugar de ambos na ação clerical sobre a sociedade. BASCHET, *Op. cit.*, p. 374-408

<sup>6</sup> Felipe da Alsácia tornou-se conde de Flandres após a morte de seu pai, Thierry da Alsácia, no ano de 1168, mantendo esta condição até a sua morte, ocorrida no ano de 1191. Felipe visitou a corte de Champagne em 1181, com o objetivo de propor o casamento a Maria, recém viúva de Henrique, o Liberal - ocasião em que pode ter tido seu primeiro contato com Chrétien de Troyes. O ano desta visita e os anos de 1190 - quando Felipe partiu como cruzado para Jerusalém - ou o de 1191 - aquele de sua morte -, são normalmente tomados como os limites extremos para o período de composição da narrativa do *Livro do Graal*. Os registros manuscritos mais antigos, porém, são do início do século seguinte. Sobre os patronos de Chrétien de Troyes ver HALL McCASH (2008). Para um panorama da tradição manuscrita ver MICHA (1966) BUSBY, Keith. NIXON, Terry. STONES, Alison... [et al.] (1993).

<sup>7</sup> Vale registrar, embora este fato não altere substancialmente esta característica, o distanciamento estabelecido pelo narrador no verso inicial do episódio: *Percevax, ce conte l'estoire* (v. 6217).

<sup>8</sup> Observe-se, de todo modo, tanto no plano mais geral quanto na situação específica de Perceval, que esta nova oposição situa a atividade guerreira num âmbito regulado e controlado pelo clero.

<sup>9</sup> Pode-se apreender nesta passagem, em toda sua dura e rude concretude, uma expressão das atitudes cada vez mais intolerantes nas regiões ocidentais do cristianismo em relações aos judeus, quando o narrador afirma que os mesmos deveriam ser “mortos como cães” (*Qu'an devroit tuer come chiens* - v. 6293). De acordo com Baschet, estas atitudes teriam tido uma inflexão nesta direção a partir dos anos 20 do século XI (cf. p. 237).

<sup>10</sup> Não deixa de ser significativo, neste caso, o reaparecimento das palavras utilizadas por Perceval na ocasião em que perguntara a um carvoeiro que encontrara pelo caminho sobre *La plus droite voie* (v. 839). E, significativamente, a própria narrativa será desencadeada a partir de uma espécie de desvio, quando Perceval encontra os cavaleiros em seu caminho para os campos de aveia de sua mãe.

<sup>11</sup> Na verdade, a tomada de consciência de seu erro não foi imediata, como suas palavras parecem sugerir. A análise do momento em que ela ocorreu, porém, nos levaria a uma digressão neste momento desnecessária. De imediato, é fundamental apenas registrar que ela foi decorrente de uma acusação posterior, motivada pelas consequências de seu silêncio. A acusação foi feita em dois momentos e por dois personagens distintos, sendo que apenas na segunda vez ela causou o impacto mencionado por ele em sua confissão. Note-se, ainda, que esta tomada de consciência também envolveu um sentimento de culpa, neste caso, porém, desligado de qualquer motivação religiosa, daí a importância do deslocamento operado pelo encontro com os penitentes, que reorienta a consciência do personagem para o âmbito dos preceitos clericais.

<sup>12</sup> É significativo, a este respeito, que nas duas ocasiões em que Perceval foi acusado por seu silêncio, os adjetivos utilizados por seus acusadores reforçam o caráter involuntário de sua falta: *chietis* (v. 3582), *maleüreus* (vv. 3583, 4662, 4665), *mesavantareus* (v. 3584), *mescheü* (v.3603), *mal eür* (vv. 4668 e 4669), palavras que remetem, apesar de suas distintas nuances (*cheitis* também pode significar prisioneiro, por ex.) para a condição ou qualidade de infeliz daquele designado por elas, que pode ser visto como um objeto do destino, um desventurado.

<sup>13</sup> Não se poderia deixar de ressaltar nesta explicação do eremita um provável eco, muito oportuno para a difusão dos preceitos clericais, do “acréscimo de sacralidade” adquirido pelo sacramento da comunhão neste mesmo contexto de inovações teológicas do século XII. As revelações do eremita são, naturalmente, fundamentais para a compreensão global da narrativa, o que não é o objetivo deste artigo, por isso não me deterei nelas. Ainda a este respeito, deve-se observar que o eremita nada falou a respeito da lança que sangrava, certamente por questões ligadas à construção narrativa, na medida em que esta se tornara objeto da busca de Galvão no episódio imediatamente anterior ao que estamos analisando (vv. 5656-6218).

<sup>14</sup> *Après le servise aora/La croiz et ses pechiez plora* - vv. 6495-6496. Atentar para a utilização da palavra *servise*, que situa o culto divino no campo das obrigações - as feudais, inclusive - e, ao assim fazê-lo através da elocução objetiva do narrador, reitera a justeza da percepção de Perceval a respeito de seu erro.

<sup>15</sup> A percepção de uma coincidência cronológica e temática entre a experiência de Perceval junto ao eremita e a narrativa da Paixão de Cristo é intensificada pela descrição praticamente similar que se faz, em duas ocasiões distintas, deste episódio central da tradição cristã, a primeira delas foi feita pela mãe de Perceval, ao explicar a ele o que se fazia em um mosteiro (vs. 580-591), e a outra, bem próxima, feita pelos penitentes no início do episódio analisado.

<sup>16</sup> Ver TAN (2014)

<sup>17</sup> (...) *n'avra ja remission/ Se n'est confès et repantanz* - vv. 6362-6363.

---

<sup>18</sup> Esta observação sobre o papel mediador do eremita sugeriria outro desenvolvimento para nossa análise, desenvolvimento que escaparia aos limites deste artigo, ele deveria abordar o papel da narrativa para a construção da subjetividade. Aqui, não se trataria mais de analisar sua organização interna e suas conexões extra-textuais, mas de abandonar deliberadamente seus pressupostos e referenciais para assumi-la como um artefato condicionado pelo tempo e pelas circunstâncias de sua composição. Em outras palavras, não se trataria de tomar como um fato o pecado de Perceval, mas de analisar os meios narrativos que o fazem aparecer como tal.

<sup>19</sup> Os últimos versos do episódio parecem apontar para um retorno da narrativa a Perceval e, portanto, para a solução destes impasses e destas incertezas relativas ao destino de Perceval. Este retorno, porém, não poderia fugir a certos limites já impostos pela construção da narrativa até o momento de sua interrupção, o que obviamente limitaria sua possibilidade de eliminar completamente seus elementos de instabilidade e de abertura. Para além de suas continuações e transbordamentos para outros ciclos narrativos, esta abertura é apenas reiterada pela longa linhagem de estudos dedicados à busca das origens do motivo do Graal. Para um panorama destes estudos ver BARBER (2006).